

lácio mas que só pode simbolizar a civilização micênica no âmbito geográfico e cronológico, afirmando que esta civilização é bem mais fraca e sua difusão bem menor do que se imaginava.

A última parte é dedicada a referências ao Submicênico, onde são apresentados trabalhos sobre as influências egeanas em Chipre e outro, mais abrangente, sobre os costumes e ritos funerários na Babilônia, grande exemplo da utilização conjunta de textos e dados arqueológicos.

Robin Hägg (p. 213-217) discorre sobre a ocorrência de recipientes cerâmicos quebrados, cujos fragmentos foram colocados sob ou sobre o morto. Descreve vários exemplos em Chipre (Lapithos, Vounous e Aios Iakovos), Ras Shamra, Dendra, Ática, Tessália durante todos os sub-períodos da Idade do Bronze. Consta que a repetição da prática pode sugerir um rito funerário.

Karin Niklasson-Sönnnerby (p. 219-225) analisa a mudança na utilização das câmaras tumulares cipriotas para o que ela chama de túmulos em poço ocorrida num período conturbado da ilha. Conclui que a mudança da localização do túmulo, do cemitério para dentro da habitação sugere uma impossibilidade de levar o morto para fora do assentamento o que leva à hipótese de sítio prolongado ou epidemia.

Já Frieda Vandenabeele (p. 227-234) estuda propriamente as influências egeanas em Chipre perceptíveis principalmente na planta e arranjo das câmaras tumulares. Fazendo uma retrospectiva das publicações da década de 70, quando um novo impulso foi dado à arqueologia cipriota, ficou comprovado que os costumes funerários de influência micênica foram introduzidos no final do Cipriota Recente III B e permaneceram até o Cipriota Arcaico, configurando-se um contato egeano no século XI a.C.. Sua origem deve ser procurada, segundo a autora, no Leste da Ática, nas Cíclades, em

Creta e no Dodecaneso. Contudo a amplitude e o impacto dessa última invasão de Chipre durante a Idade do Bronze Recente continuam obscuros.

Por último André Finet (p. 235-244) discorre sobre os eventos que envolviam o morto e não a morte na Babilônia. Sua importância é metodológica já que oferece uma demonstração efetiva da utilização de dados arqueológicos e epigráficos no entendimento de uma civilização passada.

Dentro de sua proposta, esta é, sem dúvida uma obra plena de opiniões e abordagens diversas, que deve ser analisada por todos aqueles que se interessam pelos diferentes aspectos dos costumes funerários já que apresenta de forma clara as novas linhas de pesquisas voltadas para outros aspectos além dos meramente formais ou materiais dos túmulos.

ANA CLAUDIA TORRALVO
Pós-graduação em
Antropologia Social
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

ZAIMAN, Louise Bruit &
SCHMITT-PANTEL, Pauline. *La religion grecque*. Paris: Armand Colin, 1991. 190p.

A editora Armand Colin lançou, em 1991, a segunda edição revista de *La religion grecque dans la cité grecque à l'époque classique*, da autoria de Louise Bruit Zaidman e Pauline Schmitt-Pantel, professoras de História antiga das Universidades de Paris VII e Amiens, respectivamente. Integrado à coleção "Cur-

sus", a obra fornece uma sólida introdução ao tema, abordado em suas diversas dimensões pelas autoras, ao que se somam reproduções de fragmentos de estudiosos consagrados, como Jean Rudhardt, Jean-Pierre Vernant, Claude Lévi-Strauss, Marcel Detiense e Georges Dumézil. Há ainda uma rica e bem selecionada coleção de textos antigos relativos tanto à mitologia quanto a práticas rituais, colhidos de Homero, Hesíodo, Platão, Heródoto, Porfírio e outros, bem como da documentação epigráfica existente. Uma série de ilustrações, embora muito reduzida, reproduz seleta documentação arqueológica, que vai da planta de lugares de culto a detalhes arquitetônicos, da representação, em pintura, de cenas cultuais à iconografia dos deuses.

O objetivo da obra é fornecer uma abordagem da religião grega no contexto da cidade grega, isto é, a grosso modo, de 750 a 330 c.C.. Excluem-se assim tanto os períodos anteriores ao aparecimento da *pólis*, quanto a religião helenística, o que é lamentável, embora se compreenda que se trata de fenômenos, em ambos os casos, que não poderiam ser reduzidos a alguns capítulos, merecendo um volume inteiro. Espera-se que isso venha a acontecer, sobretudo no âmbito da religião helenística, em vista de sua "extraordinária riqueza", como reconhecem as autoras, e do interesse que, cada vez mais, o helemismo desperta.

Após uma introdução em que as autoras convidam o leitor a "accepter le dépaysement et la mise en cause de catégories intellectuelles qui nous sont aujourd'hui familières" (Zaidman & Schmitt-Pantel, 1991, p. 5), a fim de poder abordar a religião grega da perspectiva que lhe é própria, são esclarecidos brevemente conceitos básicos (sagrado, puro e impuro, piedade e impiedade) e relacionadas as categorias de fontes disponíveis para o estudo do assunto (literárias, epigráficas e arqueo-

lógicas).

O corpo da obra divide-se em duas grandes partes. A primeira é dedicada às práticas cultuais, e subdivide-se em três extensos capítulos. "Les rites, les acteurs et les lieux", estuda os rituais, as categorias de pessoas dedicadas à vida religiosa e os diversos locais de culto. O segundo, "Religion et vie civique", inclui sub-capítulos sobre os ritos de passagem, os espaços em que se desenvolve a vida religiosa, as relações entre religião e vida política, além de análise do sistema de festas ateniense. "Les cultes panhelléniques" é o título do terceiro capítulo, em que se abordam os concursos (sobretudo em Olímpia), a adivinhação e os oráculos (com ênfase em Delfos), as curas (em Epidauro e outros santuários dedicados a Asclépio), bem como os mistérios de Elêusis.

A segunda parte, consagrada aos sistemas de representação do divino, comporta também três capítulos. "Mythe et mythologie" se abre com uma discussão sobre as leituras da mitologia, desenvolvendo-se na análise das cosmogonias, teogonias, antropogonias e mitos sacrificiais. O segundo capítulo, "Une religion polythéiste", estuda as diversas categorias de "forças divinas" (deuses, daímones e heróis), bem como analisa os panteões, especificamente os relacionados com o casamento e as funções técnicas, ao que se acrescenta abordagem especial das figuras de Apolo e Dioniso. "Les formes de figuration" avança na discussão das diferentes formas de representação do divino, em duas partes autônomas dedicadas, a primeira, às figuras antropomorfas e, a segunda, à representação figurada dos rituais.

Acrescentam-se um glossário de termos gregos, um léxico de deuses, heróis e personagens mitológicas, além de uma seleta bibliografia sobre cada um dos temas abordados.

Pode-se considerar que o que o livro tem de mais importante é a apresentação e análise da religião grega a partir da documentação disponível, sem cair num descritivismo estéril, mas submetendo essa mesma documentação a leitura criteriosa e inteligente, com o suporte das teorias mais atuais da arqueologia, antropologia, história das mentalidades e da religião, sem concessões a fantasias. Assim, o objetivo que se propuseram as autoras conquista-se a contento. Como resumem elas mesmas, na conclusão do livro,

"montrer que la religion des Grecs était "autre", qu'elle avait ses catégories et ses références propres et qu'il fallait la définir par rapport aux valeurs de la cité dans le cadre de laquelle ses structures se sont imposés"; ao mesmo tempo, também demonstrar que

"les croyances des Grecs étaient fonction, comme dans toute civilisation, de catégories psychologiques qui organisaient leur perception du monde et que le malentendu pouvait naître, dans l'analyse de leurs conceptions religieuses, d'une mauvaise appréciation de ces catégories, confondues avec les nôtres" (Zaidman & Schmitt-Pantel, 1991, p. 160).

Resta apenas esperar que *La religion grecque* não tarde a ser traduzida para o português, colocando-se assim à disposição do leitor brasileiro, sobretudo do público universitário, para que se possa dispor de uma introdução sólida, ampla, bem documentada e atual a tema tão instigante, que infelizmente tem-se prestado, entre nós, a muita elucubração fantasiosa.

JACYNTHO LINS BRANDÃO
Departamento de Letras Clássicas
Faculdade de Letras
Universidade Federal de
Minas Gerais

**LEXICON ICONOGRAPHICUM
MYTHOLOGIAE CLASSICAE. V:
HERACLES - KENCHRIAS.**

2 Vols. Encadernado. Vol 1: texto, XXIX - 1047 p. Vol 2: pranchas, 709 p., com 657 pranchas. Zürich - München: Artemis Verlag, 1990.

A publicação do LIMC V efetivou-se no ano de 1990 e compreende os verbetes que vão de HERAKLES a KENCHRIAS.

A documentação relativa ao herói HERAKLES é a continuação daquela já publicada no LIMC IV. O volume V também apresenta uma vasta documentação sobre o herói, a qual se conclui com o Héracles etrusco: HERCLE.

Afora os verbetes que vão de HERAKLES a KENCHRIAS, o LIMC V traz ainda um adendo com os verbetes EPONA, GALATEIA, HELIOS, HELIOS (in periferia orientali) e HELIOS/USIL.

O LIMC V agrupou coincidentemente um conjunto de personagens mitológicos que demonstra a importância e a influência do teatro grego no florescimento do seu repertório iconográfico, principalmente das figurações veiculadas nos vasos cerâmicos do sul da Itália. Desse modo, personagens como Hipólito, Ifigênia e Ixion adquirem uma relevância salutar tanto pelo nível e peso dos seus respectivos repertórios iconográficos como pelo papel que desempenharam na religião e cultos do mundo antigo; por exemplo, Ifigênia no culto de Ártemis e Ixion enquanto supliciado nas figurações de sua punição no Inferno.

Mas dentre esses personagens mitológicos não menos consideráveis, encontramos duas grandes divindades: HERMES e IUNO. IUNO, a excepcional divindade feminina itálica, mereceu um catálogo compatível com a volumosa